



## A Primeira cozinha: um lugar de memória.

A cozinha, que hoje visitamos e que as nossas Irmãs conservaram como memória dos primórdios, é um lugar de intimidade, o lugar onde se assa o pão, o lugar da partilha e da reunião para a refeição, a única sala aquecida onde se encontram, na maioria das vezes, principalmente à noite, para fazer rendas com fios contínuos, específicos da cidade de Le Puy. A missão que as Irmãs receberam: servir os pobres e educar os órfãos do hospital. Elas estão se preocupam também em ganhar a vida

trabalhando com bilro e fazendo renda. Assim que chegou ao Puy em 1644, Monsenhor de Maupas interessou-se ativamente pelo hospital de Montferrand. Este hospital acolhe então 39 órfãos, algumas viúvas, duas criadas. Ali também são acolhidos os pobres e doentes. Ele está localizado em uma das áreas mais pobres da cidade. Françoise Eyraud, dona do lugar, conta com a confiança da direção do hospital, acompanha os trabalhadores, compra os materiais. Ela é auxiliada, a seu pedido, por: Marguerite de St Laurens, que mantém as contas. O hospital leva o nome de Casa de Caridade das Jovens Órfãs, de São José. E 15 de outubro de 1650, Monsenhor de Maupas reuniu no hospital dos órfãos, algumas jovens e viúvas a quem o Padre Médaille, durante as suas missões, deu um regulamento nos anos 1646-47. Ele as reuniu para lhes entregar a gestão do hospital para órfãos. O início oficial da Congregação vem com esta fundação. Françoise Eyraud faz parte deste grupo. Esta comunidade estabelecida, são mulheres que vivem a vida religiosa no mundo, realizando atividades de caridade, mas sem serem reconhecidas. As integrantes do grupo recebem uma regra de conduta e um nome “Congregação das Irmãs (ou Filhas) de São José”.

Em 13 de dezembro de 1651 - a comunidade de habitação e propriedade, são seis: Françoise Eyraud, (39 anos), Clauda Chastel (viúva), Marguerite Burdier, (24 anos), Anna Chalayer, (46 anos), Anna Brun, (15 anos), Anna Vey, (cerca de vinte anos) duas delas trazem um dote: Clauda Chastel, e Anna Vey. Todas se declaram analfabetas, exceto Clauda Chastel, que assina o contrato. A casa, estabelecida em Le Puy dentro dos muros do hospital, desempenhará muito rapidamente o papel de “casa principal” em relação a outras casas de associadas, na diocese, e logo, de casa fundadora.

Expulsas, dispersas, durante a Revolução Francesa, 1789-1794, as irmãs não encontrarão sua casa até 1815, saqueada e bastante danificada. São apenas um pequeno punhado, estão envelhecidas, cansadas, mas é neste lugar que procuram reagrupar-se, este lugar de começos, este lugar de memória, das suas alegrias e dos seus sofrimentos, este lugar único que leva a marca da sua aventura comum, que desejam viver com coragem e audácia.

Para nós, hoje, a primeira cozinha, é lugar de vida por excelência, lugar de encontro e comunhão, lugar de luz e de calor, lugar de interioridade, tem a função de ser um memorial, que torna presente o que realmente aconteceu. Convida-nos a recordar a modéstia, a simplicidade, a cordialidade, o pequeno projeto. Poderia haver um lugar mais eloquente, que sintetizasse e concentrasse toda a atividade da missão das primeiras irmãs? Torna-se Palavra para nós e nos lembra a mensagem das Escrituras "estejam vigilantes, não esqueçam o que os seus olhos viram, nem deixe que em nenhum dia de tua vida isto saia do seu coração" Dt 4,9. Não está esta cozinha aí para nos ajudar a redescobrir a memória das nossas origens, para nos ensinar a interpretar, para hoje, o que diz respeito ao pequeno projeto? É sua função trazer às nossas mentes e aos nossos corações a aventura das primeiras seis mulheres de Le Puy. Abrir-se a esta realidade, prestar atenção ao que nos toca da vida delas, deixar entrar e ressoar em nós, nas coisas mais modestas, a fidelidade, o serviço humilde e oculto da sua existência, não é comprometer-nos a desenvolver, à maneira de Cristo, o amor até o extremo, pelo acolhimento, pelo olhar, pelos talentos, pelas mãos estendidas, pelo cansaço às vezes, e a levantar-nos para anunciar a Boa Nova deste plano de amor - que livremente herdamos - para partilhar a sua audácia e esperança?

“A nossa querida Instituição deve ser toda modéstia, toda doçura, toda candura e simplicidade, toda interior e cheia de vida por dentro, numa palavra, toda vazia de si mesma e de tudo, e toda cheia de Jesus e de Deus por uma plenitude que eu não posso explicar suficientemente bem, mas que a bondade divina nos fará compreender, da qual só posso dizer que faz com que o ser infinito de Deus e de um Jesus intimamente presente pareça animar sensivelmente a alma e o corpo de um insignificante nada e de o fazer viver pela santidade de um Deus que tem todas as coisas imensas”. (Carta Eucarística nº 34)

Trecho extraído do texto de Irmã Nadia Boundon-Lasherme (Instituto São José)